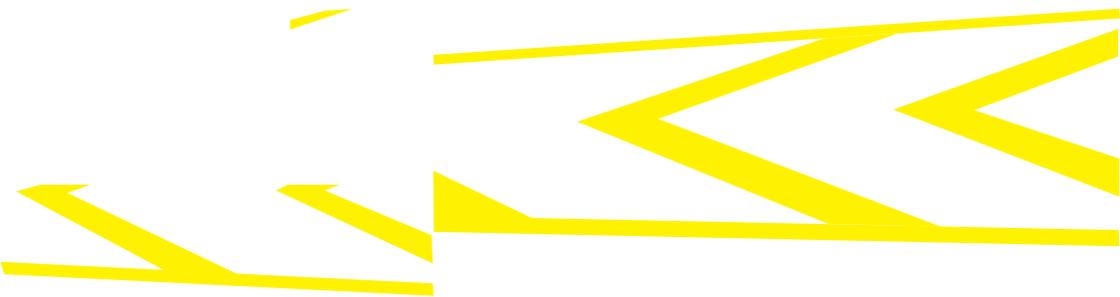
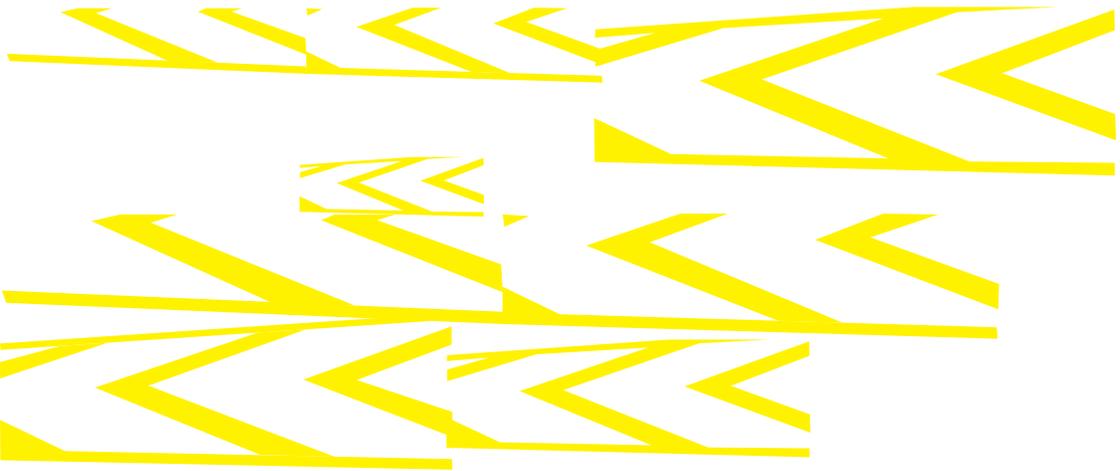


The background of the entire page is a repeating pattern of thick, yellow zigzag lines. These lines form a series of connected, angular shapes that resemble a stylized, abstract landscape or a series of overlapping chevrons. The pattern is consistent across the top and bottom of the page, framing the central text.

(CONTIN
UIDADE)

ARTES VISUAIS NO VALE DO AÇO





CURADORIA
EDUARDO DE JESUS



BERENICE
CAMPELO

CAUAN
LANA



FERNANDA
LA NOCE

DANI
DORNELAS

CRISTIANNE
DE SÁ

LARA
LOPES

COLETIVO
ABERTO

COLETIVO
AWA

LETÍCIA
VENTURA

MARIA
CLOENES

ROSANE
DIAS

RODRIGO
ZEFERINO

RITA
BORDONE

TATIANE
BISPO

TEULLER
MORAIS AGUIAR



ABERTURA



**GRUPO DE
CONGADO DO
IPANEMINHA**







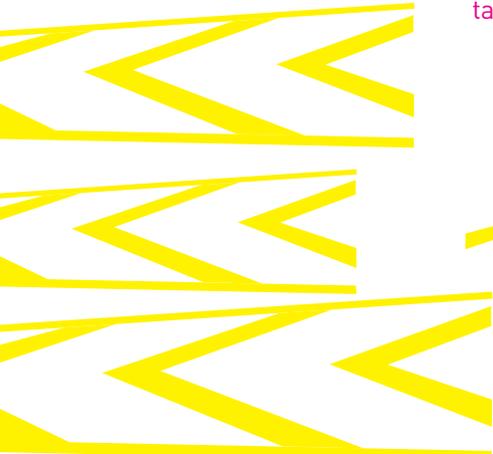
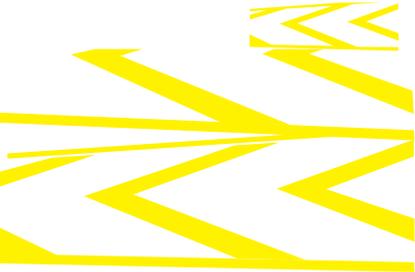
**INSTITUTO
USIMINAS**

De 13 de ago
a 30 de set
2022

**Expo
sição**

Há quase 20 anos do primeiro prêmio Usiminas de Artes Visuais, o Instituto Usiminas traz, novamente, uma iniciativa de fomento à produção artística do Vale do Aço. “Artes Visuais no Vale do Aço – Continuidade” apresenta trabalhos escolhidos por meio de edital público, que selecionou 15 artistas entre mais de 40 inscritos. Após uma criteriosa análise dos materiais recebidos, esta exposição traz um conjunto heterogêneo, multifacetado, prioritariamente feminino e bastante representativo das práticas e temas da arte contemporânea, hoje.

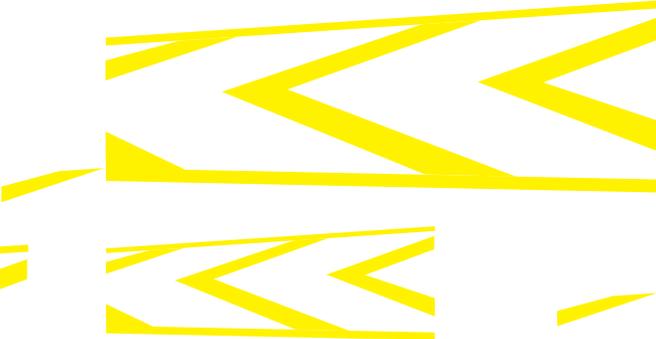
Aos públicos que nos visitarão nesta jornada, um convite: veja a totalidade dos trabalhos a partir dos fragmentos que cada artista nos concede através das imagens exibidas. Deixe que esses fragmentos te acompanhem no trajeto e, ao final da visita, olhe para eles não como um mosaico, mas como um caleidoscópio que nos oferece imagens em constante mutação. Imagens que se movimentam a partir dos ângulos pelos quais olhamos e cujas singularidades se revelam de acordo com nossos humores, experiências, memórias e sensações.



Permita que esse caleidoscópio manifeste em seus sentidos não apenas um modo de observar o mundo, mas também de falar sobre ele. Pense que cada artista relata, pelas imagens, experiências subjetivas e localizadas em contextos específicos, mas que podem, por sua vez, nos ensinar a produzir e partilhar relatos próprios sobre o mundo.

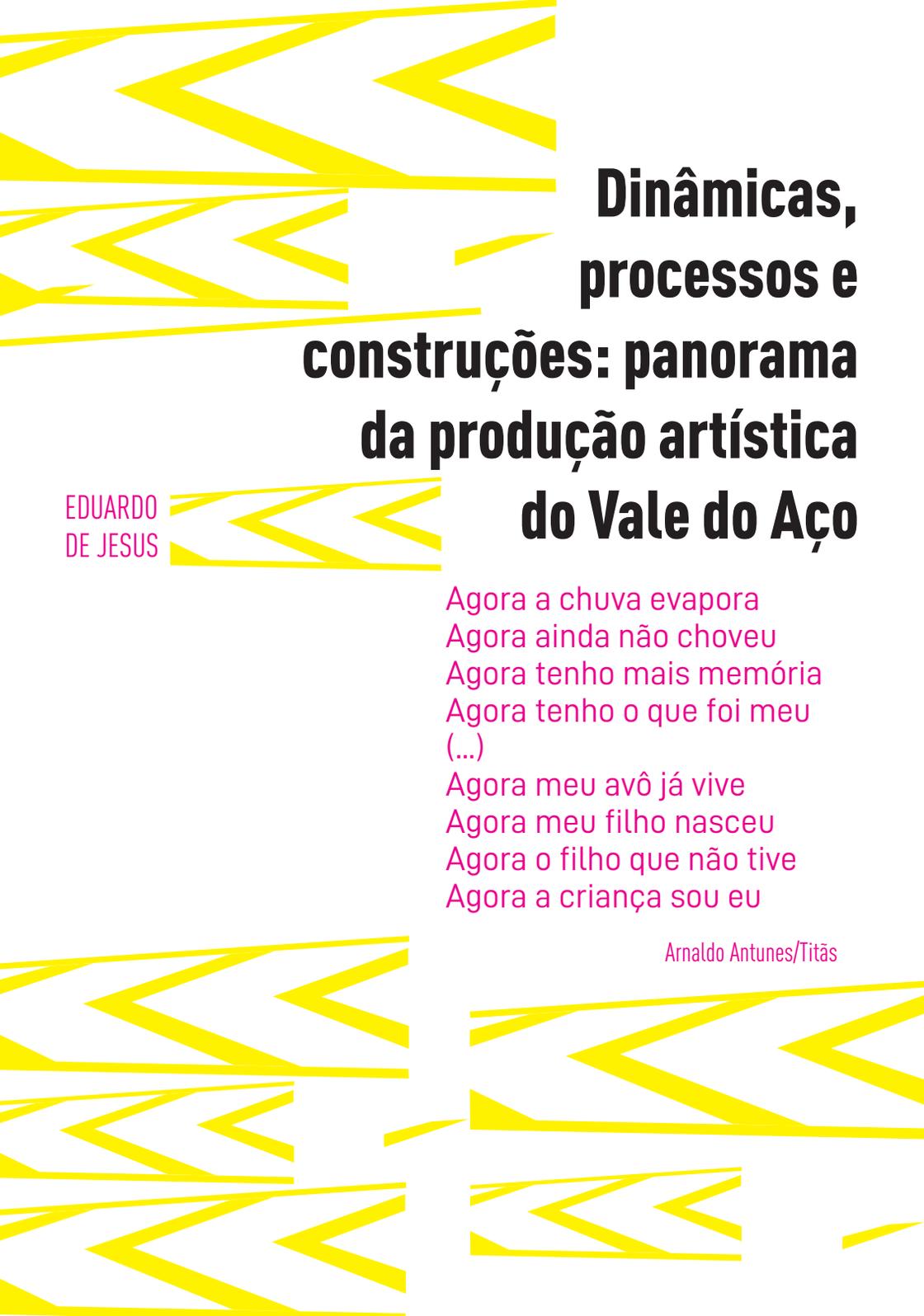
Fomentar a produção dos artistas locais, criando novos fluxos de conexões entre suas obras. Evidenciar outros eixos e circuitos de criação artística. Estes são gestos que reafirmam o nosso compromisso com a realização e promoção de projetos culturais em suas diversas vertentes. No ano em que se comemoram os 60 anos de operação da Usiminas e às vésperas das comemorações de 30 anos do Instituto Usiminas, "Artes Visuais no Vale do Aço - Continuidade" é uma exposição emblemática daquilo que acreditamos ser a força da arte e da cultura como vetores de transformação social.

Desejamos que nesta mostra essa força se manifeste na potência do coletivo de artistas reunidos aqui. E que possamos, na diversidade de imagens apresentadas, imaginar que também podemos constituir um comum.









Dinâmicas, processos e construções: panorama da produção artística do Vale do Aço

EDUARDO
DE JESUS

Agora a chuva evapora
Agora ainda não choveu
Agora tenho mais memória
Agora tenho o que foi meu
(...)
Agora meu avô já vive
Agora meu filho nasceu
Agora o filho que não tive
Agora a criança sou eu

Arnaldo Antunes/Titãs



Panorâmica é um movimento de câmera típico das narrativas visuais do cinema. Caracteriza-se pelo giro da câmera, horizontal ou vertical, em torno de seu próprio eixo. Fazemos a câmera girar desde um ponto para revelar o espaço enquadrado na imagem com seu deslocamento, quase como um corpo que gira em torno de si lançando um olhar sobre seu entorno. O giro – especialmente quando realizado de forma lenta e suave – ao mirar o entorno nos revela posicionamentos, relações e aproximações entre os distintos elementos que compõem a cena que observamos. O processo curatorial da exposição Artes Visuais no Vale do Aço toma de empréstimo o gesto do cinema para também perceber, com um olhar detido, como se organizam os movimentos dessa cena, como são suas dinâmicas, características, linhas de força e atravessamentos.

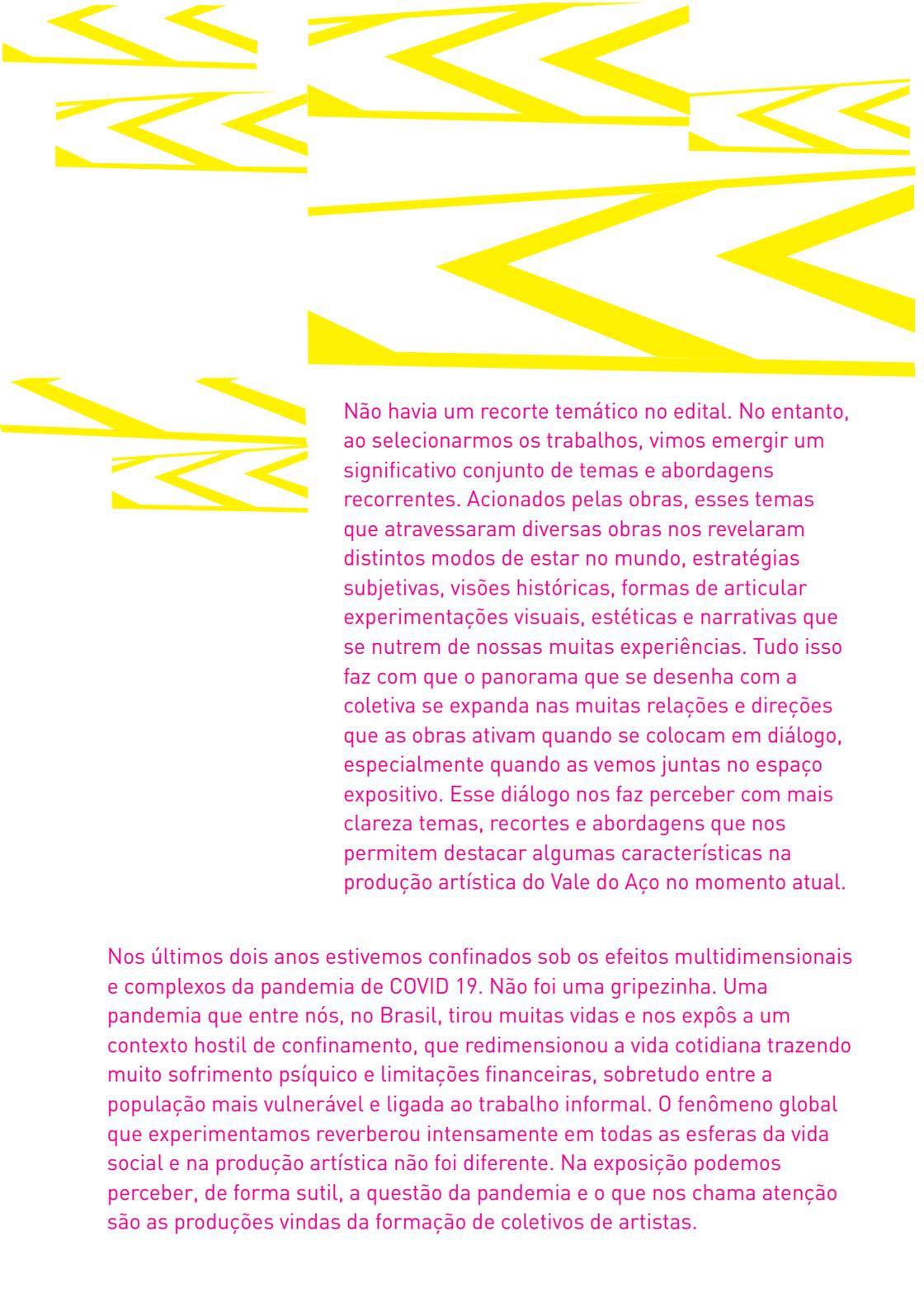
Pouco a pouco, a produção artística da região vem se consolidando. Sabemos que foram muitas as ações realizadas ao longo do tempo no Vale do Aço que reverberaram na constituição de uma cena artística-cultural efervescente e diversificada.

As diversas edições do Prêmio Usiminas de Artes Visuais entre muitas outras ações como palestras, mostras, exposições e leituras de portfólio permitiram que a produção artística emergisse e se desdobrasse em direções promissoras.

Tendo em vista esse processo histórico, foi lançado um edital aberto a artistas residentes na região para a construção de uma exposição coletiva.

A surpresa foi grande tanto pelo expressivo número de inscrições recebidas, quanto pela qualidade dos portfólios que recebemos com obras em distintos suportes e estratégias. Selecionamos 15 artistas que em suas obras demonstraram densidade na articulação conceitual, na formalização e nos diálogos com a produção contemporânea. Esse conjunto de obras nos permitiu dar um contorno a um momento específico da cena artística contemporânea no Vale do Aço que aos poucos solidifica sua produção e conquista mais espaço e visibilidade.





Não havia um recorte temático no edital. No entanto, ao selecionarmos os trabalhos, vimos emergir um significativo conjunto de temas e abordagens recorrentes. Acionados pelas obras, esses temas que atravessaram diversas obras nos revelaram distintos modos de estar no mundo, estratégias subjetivas, visões históricas, formas de articular experimentações visuais, estéticas e narrativas que se nutrem de nossas muitas experiências. Tudo isso faz com que o panorama que se desenha com a coletiva se expanda nas muitas relações e direções que as obras ativam quando se colocam em diálogo, especialmente quando as vemos juntas no espaço expositivo. Esse diálogo nos faz perceber com mais clareza temas, recortes e abordagens que nos permitem destacar algumas características na produção artística do Vale do Aço no momento atual.

Nos últimos dois anos estivemos confinados sob os efeitos multidimensionais e complexos da pandemia de COVID 19. Não foi uma gripezinha. Uma pandemia que entre nós, no Brasil, tirou muitas vidas e nos expôs a um contexto hostil de confinamento, que redimensionou a vida cotidiana trazendo muito sofrimento psíquico e limitações financeiras, sobretudo entre a população mais vulnerável e ligada ao trabalho informal. O fenômeno global que experimentamos reverberou intensamente em todas as esferas da vida social e na produção artística não foi diferente. Na exposição podemos perceber, de forma sutil, a questão da pandemia e o que nos chama atenção são as produções vindas da formação de coletivos de artistas.

Coletivo AVVA

FERNANDA
LA NOCE

LUCIANO
BOTELHO

NILMAR
LAGE

RITA
BORDONE

RODRIGO
ZEFERINO

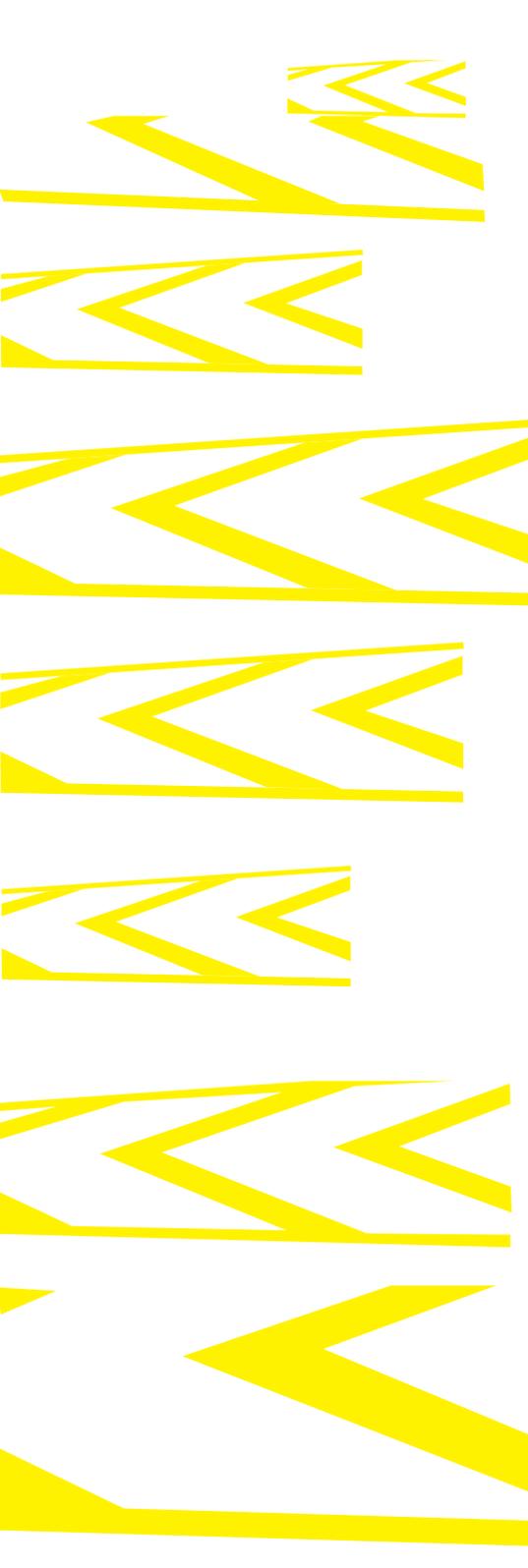
ROSANE
DIAS

WENDERSON
GODOI

Na exposição dois grupos expõem seus trabalhos, mostrando distintos modos de reverberar em cada um deles as limitações da pandemia. O coletivo AVVA se formou reunindo um grupo de artistas que atuavam separadamente e que no contexto pandêmico sentiram necessidade de se unirem para trocar experiências e compartilhar seus processos de criação. A ideia era desenvolver obras com intercessões e contaminações diretas entre os distintos processos de criação e suportes que cada artista trabalhava. O resultado gerou uma coletiva virtual e na exposição vemos o vídeo “Esculturas bruxuleantes” (2021, 2’42”). A vídeo performance, como o coletivo nomeia a obra, homenageia a artista alagoana e pioneira no campo da performance Marta Araújo, apesar de se encaminhar em outra direção. Marta fez a performance “Apêndice Bruxuleante” (1983) na qual percorria, em explícito tom irônico, as ruas de uma cidade puxando uma pequena boneca como uma bruxa amarrada a seu corpo. Na obra do AVVA, a palavra bruxuleante retoma seu sentido mais original de algo que oscila fracamente ou que tem um brilho intermitente, tremeluzente. Percebemos essa oscilação no modo como os corpos, apesar de parados, fazem pequenos movimentos extremamente sutis em busca de equilíbrio.



Esculturas Bruxuleantes, 2021
Videoperformance - 2' 42"



Um trabalho que em sua realização tensiona o encontro dos diversos suportes e procedimentos artísticos que maneja. Primeiramente o vídeo, já que as imagens são quase estáticas, com movimentos muito sutis contrariando assim certa especificidade do suporte dedicado, com mais frequência, as imagens em movimento. Tensiona ainda o campo da escultura porque o que vemos na tela são corpos masculinos que se reconstroem, criando inusitados volumes, que apesar de perderem as características individuais, sabemos que são corpos humanos. Por fim, a própria performance, já que em seu registro e em diálogo com a linguagem audiovisual, não nos mostra as “esculturas” sendo construídas, montadas, o movimento dos corpos na construção das formas. Só vemos o resultado final, já que os sucessivos cortes, típicos do audiovisual montam a performance.

Se o AVVA se reuniu na pandemia para agregar forças e construir novos processos de criação, o Coletivo Aberto, que atua com mais frequência no teatro precisou deixar os palcos e plateias para encarar diálogos com a produção audiovisual.









COLETIVO ABERTO



O coletivo apresenta na exposição o tríptico “3x Clarice” livremente inspirado em contos curtos de Clarice Lispector. Composto por três curtas (Verão na Sala, Era uma Vez, Geleia Viva) exibidos simultaneamente em três TV’s com fones de ouvido, os filmes se conectam entre si de forma livre, especialmente pela diferença de duração de cada um. A produção é uma bem articulada aproximação entre a linguagem e os recursos do audiovisual e as inquietações típicas do teatro e da performance, em um arranjo potente que apresenta novos contextos visuais para as releituras da obra de Lispector.

Tanto a obra do AVVA quanto do Coletivo Aberto, se estruturam em torno da imagem em movimento.

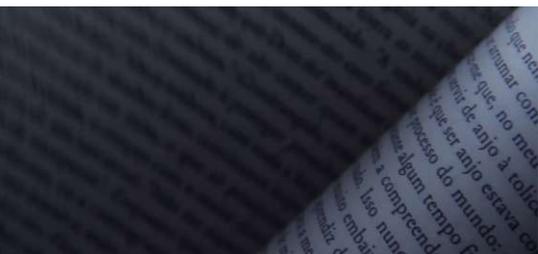
Vemos muitas outras obras estruturadas em torno da imagem, em séries fotográficas, registros imagéticos documentais e de performances, vídeos e ilustrações operando as vezes como suporte para a produção ou como porta de entrada para reflexões em torno da própria natureza das imagens técnicas na contemporaneidade. A complexa trama típica do domínio das imagens na contemporaneidade mescla desde vigilância e consumo até questões identitárias, políticas e subjetivas. Tudo isso embalado pelos modos de circulação do atual sistema midiático-comunicacional que soma aos poderes já configurados a força dos algoritmos.

Se antes experimentávamos um modelo massivo de comunicação, agora estamos em outro momento no qual a subjetividade alimenta redes sócio-técnicas gerando inusitadas formas de controle e recomendação em um sistema que abarca o massivo em arranjos pós-massivos. As tecnologias digitais controladas por algumas poucas empresas transnacionais extremamente poderosas ampliam sobremaneira o alcance das práticas neoliberais, nos levando, como afirmam Dardot & Lavall a uma “racionalização empresarial do desejo”. Somos distraidamente vigiados e controlados, já que sabemos que as imagens que vemos e colocamos em circulação formam a engrenagem central desse novo processo de dominação. Passamos a experimentar uma “fusão progressiva dos repertórios de mercado com as linguagens do eu” nas monetizações que as imagens provocam tanto no Instagram e Youtube quanto no Onlyfans, transformando os sujeitos e suas vidas em formas espetaculares, voltadas para o consumo e a ampliação da base de seguidores, a nova moeda do regime midiático-financeiro que experimentamos. Na exposição fica evidente que neste atual contexto imagético a fotografia assume uma multiplicidade de formas ligadas aos muitos processos de criação que envolve.



3x Clarice, 2021

Vídeos: *Verão na Sala 13'* - *Era uma Vez 6'* - *Geléia Viva 7'*



Direção: Léo Coessens
Performer: Barbara Pavione
Desenho de som: Junio Endrik

AS MUITAS FORMAS DO FOTOGRÁFICO



O registro do pôr do sol na paisagem é um clichê muito conhecido, um “lugar comum” em diversas práticas fotográficas, desde as profissionais (no campo da publicidade, turismo e da fotografia de celebridades, por exemplo) até a fotografia vernacular. A mistura entre as exigências técnicas necessárias para a boa realização da fotografia e, sem dúvida, a beleza do fenômeno natural, parecem favorecer a valorização de imagens desse tipo. Na série “A hora Dourada” (2021-2022) de Lara Lopes, o pôr do sol ganha contornos expressivos bem mais densos. A série mostra a luz em enquadramentos rigorosos e bem elaborados, nos quais a representação mais tradicional, que sempre retrata um objeto, parece escapar. Vemos objetos extremamente corriqueiros que parecem nos indagar: porque fotografá-los? Por que enquadrar, sobretudo de forma tão sofisticada, uma cortina, a sombra de uma janela, dois chuveiros que vertem água sem ninguém embaixo ou as discretas folhas de uma planta?

Vemos espectros do pôr do sol, em sua inconfundível cor dourada, mas na série, a luz, matéria prima da fotografia, alcança um protagonismo. Assim, em uma inversão potente, Lara desloca o sentido das imagens, no jogo da representação, dos objetos para a luz. Ao entrar no universo dessas imagens quase conseguimos perceber o calor intenso das tardes do Vale do Aço. Uma representação menos ligada aos objetos ou ao pôr do sol, propriamente dito em sua significação quase piegas, para retratar a materialidade da luz, sua existência como objeto que, em sua fugacidade, toma a imagem. Outros traços do momento decisivo.

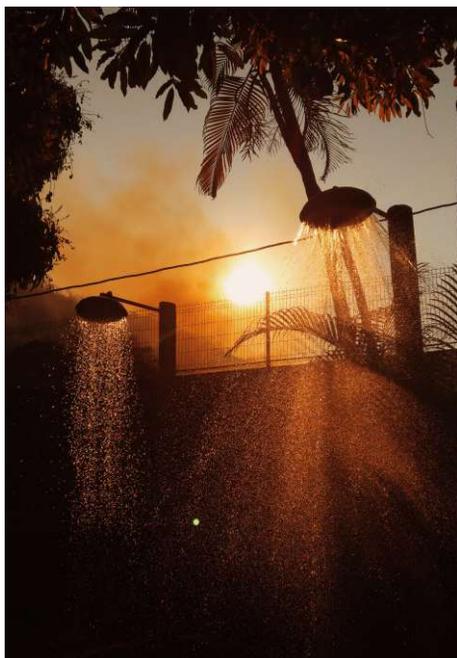


LARA LOPES



A Hora Dourada, 2020 / 2021

Fotografia - Impressão fine art
sobre papel de algodão - 40 x 60 cm (cada)





CRISTIANNE SÁ

Mais ligada a memória e a sua dimensão temporal, a fotografia também é o centro de outra obra, que apesar disso se materializa em vídeo, em mais um tríptico. De forma bastante sagaz “A última fotografia” (2019) de Cristianne de Sá coloca a fotografia para orbitar na combinação de elementos vindos do universo da performance e da videoarte. A singularidade da obra está justamente no modo como constrói seus sentidos no entrelaçamento das linguagens que emergem do uso desses suportes. Na primeira tela vemos em uma imagem extremamente clara, com muita saturação de branco, o rosto de Cristianne em plano fechado nos lembrando de toda a tradição das performances diante da câmera de vídeo como em “Vertical Roll” (1972) de Joan Jones ou “Open My Glade (Flatten)” (2000) de Pipilotti Rist. No áudio ouvimos uma locução de Cristianne que descreve uma cena, mas não é a que vemos. O texto em sua elaborada descrição poética, narra o encontro com um fotógrafo cego, supostamente no tempo passado, que insistia que ela o fotografasse rapidamente, sentado em um sofá. Um encontro singular, que passa pelo silêncio, pela leitura de um artigo e pela radical presença da página em branco.

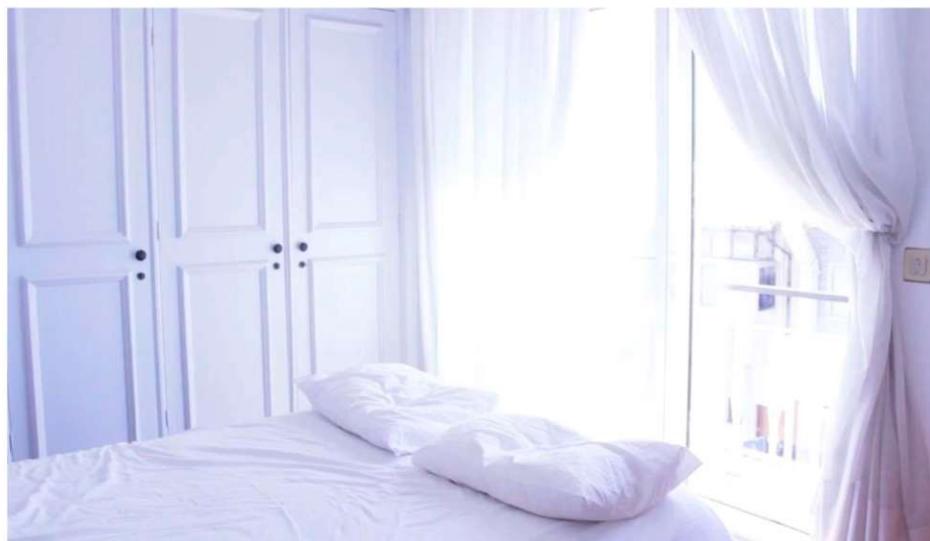
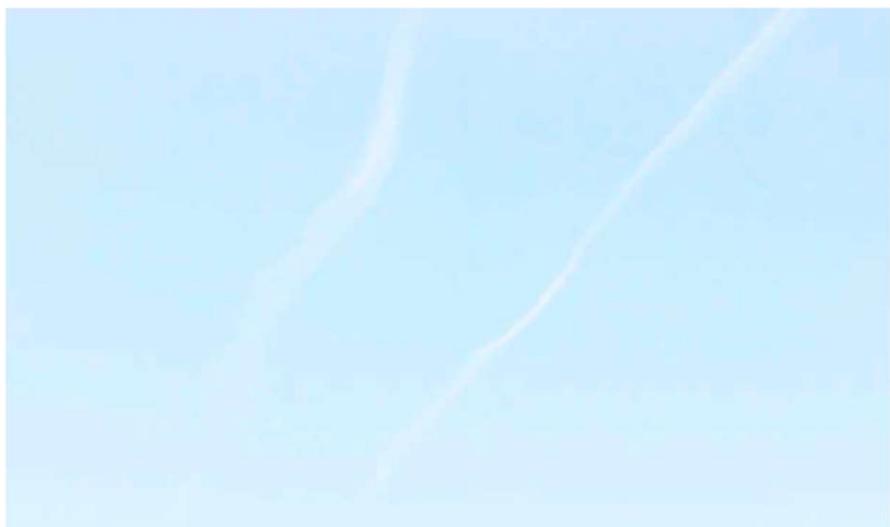


O jogo de sentido emerge das relações entre o texto narrativo e poético da locução e a imagem que vemos dessa mulher com o cabelos brancos, meios desgrenhados pelo vento e que se aproxima da tela eventualmente, nos permitindo vê-la melhor. Já a segunda tela, emblematicamente, mostra apenas uma única imagem. O céu claro sendo riscado pelo jato de um avião, uma imagem quase imperceptível, dada a reduzida paleta de cores. Tudo muito branco e quase apagado. Já na terceira tela, o enigma continua em uma outra imagem única de um quarto de dormir totalmente branco. As duas últimas imagens duram ininterruptas apesar de exibidas em televisões. Esperamos que algo aconteça? O espaço em branco na imagem ou a página em branco do texto parecem nos remeter ao jogo entre suportes, linguagens, durações e tempos que poeticamente se embaralham na obra. No texto que ouvimos a figura que se descreve diz “ter cabelos pretos, curtos na nuca” ao contrário de quem vemos na imagem. Antes ou depois? Qual a relação de tempo guarda a descrição que ouvimos em relação a imagem que vemos? Talvez uma relação complexa entre forma narrativa e performance que se expande no vídeo. A imagem da cama vazia (que nos lembra Felix Gonzales Torres), assim como as marcas deixadas pelos aviões se dissolvendo no céu indicam um tempo efêmero como a marca do corpo que se levanta da cama (talvez o inframince de Duchamp). Simultaneamente, vemos essas imagens no tempo imenso e quase infinito do loop na tela. Vemos um confronto de temporalidades do pequeno lapso de tempo que aproxima o clique fugaz que faz a fotografia existir do momento que antecede a criação em seu encontro com o espaço vazio da página em branco. Um tempo paradoxal entre fugacidade e duração.



A última fotografia, 2019

Vídeo - Tríptico
Fuul HD - Duração variável





TEULLER MORAIS AGUIAR



Outras obras que se servem das imagens fotográficas também subvertem a natureza do meio ao dar lugar a representação de objetos inusitados seja pela forma como são posicionados ou pelos sentidos acionados pelas imagens, como vemos em “Duplicidade” (2018) e “Casas” (2020) de Teuller Morais Aguiar. Em formato pequeno, as séries que Aguiar nos apresenta solicitam uma aproximação das imagens para ver melhor os detalhes e para perceber diálogos e sequências quase narrativas que se formam entre elas. Na primeira, vemos espaços de um mercado ou feira em enquadramentos vigorosos e bem elaborados, mas pouco convencionais por mostrarem espaços vazios que na sequência são mostrados repletos de frutas, legumes e verduras. A beleza melancólica dos espaços vazios, com texturas e cores típicas dos ambientes populares ganha outra vibração com a presença dos produtos em arranjos volumétricos que preenchem o quadro criando uma divertida situação cronológica dos espaços entre antes e depois.



TELLER MORAIS AGUIAR
Casas, 2020



CASAS, 2020

Fotografia - Impressão fine art
sobre papel de algodão - 20 x 20 cm (cada)



Há um rigor na construção dos enquadramentos que privilegiam a beleza rude dos espaços vazios e se repete na imagem seguinte, com tudo já ocupado. Com essa bem articulada composição, Aguiar revela os trânsitos daqueles espaços, na sazonalidade de um cotidiano efêmero que se caracteriza por conter dois extremos: cheio e vazio. Tempos distintos de um mesmo espaço que as imagens revelam de forma divertida. Já em “Casas” o artista mais uma vez toma partido de questões espaciais e arquitetônicas, mas desta vez a operação é ainda mais sutil ao fazer figurar pequenas peças de madeira de um conhecido brinquedo infantil e com ele sugerir diversas configurações que constroem novamente uma narrativa, como na primeira série que comentamos, mas desta vez ampliando os sentidos da figuração da casa em suas possíveis montagens e desmontagens.



DUPLICIDADE, 2020

Fotografia - Impressão fine art
sobre papel de algodão - 30 x 30 cm (cada)



DANI DORNELAS

O retrato e as formulações documentais da imagem também têm lugar entre as obras que se estruturaram com o uso da fotografia. Campo da fotografia com vasta história e tradição, o retrato aparece na exposição de forma inquietante, já que dá consistência a sua longa e cristalizada tradição, mas ao mesmo tempo abre-se para diálogos contemporâneos trazendo novas formalizações e abrangências. Percebemos esse gesto nitidamente na obra de Dani Dornelas, o retrato do mestre Aristides do Congado. A imensa semelhança entre os dois registros que compõem a obra revela uma duração, uma passagem mínima de tempo entre um registro e outro quase despertando uma situação narrativa. Transparece o largo sorriso de Aristides assim como a pequena mudança no movimento do fole da sanfona. A dinâmica entre as duas imagens muito semelhantes parece nos dizer da representação e também aponta para as temporalidades que atravessam as imagens. As duas imagens muito semelhantes, expostas lado a lado, revelam a força da vasta tradição do retrato, mas também sinalizam aberturas e reformulações que demonstram a inserção renovada dessas práticas no contexto contemporâneo da arte.



*Seu Anatólio, Sanfoneiro do
congado no Ipaneminha, 2020*

Fotografia - Impressão fine art
sobre papel de algodão - 40 x 60 cm (cada)









AS MULHERES NEGRAS E A FOTOGRAFIA

Obras como a de Tatiane Bispo se inserem nesses diálogos com a tradição do retrato, mas se realizam no entrecruzamento com outras manifestações como a performance. “Desato em nós” (2020-2022) é um projeto de cocriação com a bailarina e performer Maria Cloenes. Partindo da noção de corpo-tela desenvolvida pela professora Leda Maria Martins, Bispo realiza um expressivo conjunto de registros de ações performativas realizadas na natureza com Cloenes envolta em linhas, nós e novelos.

TATIANE BISPO



A obra parte do corpo da mulher negra para nas representações que apresenta, fabular as muitas histórias que protagonizam. Os nós e tramas que aparecem na obra simbolicamente precisam ser desatados reforçando a coletividade das mulheres negras e seus imensos desafios de visibilidade, respeito e sobretudo de rompimento com as heranças coloniais. Vemos as performances de Cloenes impressas em bandeiras de grande formato, seguidas de um registro sensível e rigoroso das bandeiras, inseridas nos territórios de infância de Maria Cloenes, na zona rural da cidade de São Sebastião do Maranhão, também no Vale do Rio Doce. Ao desdobrar-se em outra ação e gerar uma nova sequência de imagens a obra amplia sobremaneira seus sentidos. Essas imagens são diretamente ligadas às bandeiras e constroem sentidos nas relações e inflexões entre dois registros imagéticos, que sugerem passagens entre individual e coletivo fazendo emergir junto as questões subjetivas e da memória de Cloenes a situação coletiva das mulheres negras e seus muitos desafios.



Desato em nós, 2021

Sublimação sobre tecido
190 x 150 cm







MARIA CLOENES

Maria Cloenes também nos apresenta uma obra na exposição. Com trajetória consolidada como performer e bailarina, integrando importantes grupos de dança na região, Cloenes desloca-se de seus processos artísticos mais recorrentes em busca de outros suportes e desafios. Mais recentemente recorrendo ao imenso arsenal de memórias de infância, como as cheias do rio que atravessava o quintal da casa de sua família, que também motivou os desdobramentos da obra com Bispo, Cloenes desenvolveu “Bonecas enchente” (2016). O corpo, elemento central da criação da artista, é deslocado do campo da dança e performance para se estabelecer nos riscos das formas escultóricas, com a “Boneca enchente” (2021). Em diversas cores, texturas e tamanhos, as bonecas de Cloenes tem braços e pernas imensos que ao se entrelaçarem, também nos envolvem. No espaço expositivo as bonecas deixam seus enormes braços e pernas pelo chão da galeria como uma corporeidade que se expande, ocupa e quase se enraíza. A forte composição volumétrica das muitas bonecas entrelaçadas abrindo-se ao espaço pode nos fazer pensar em formas coletivas de criar proximidade, visibilidade e apoio.







*Bonecas
Enchente, 2016*

A IMAGEM E A CIDADE

A fotografia de caráter documental alimenta as questões articuladas na obra “Decomposição” de Cauan Lana. Dialogando com os austeros princípios formais oriundos da tradição fotográfica instaurada por Bernd e Hilla Becher, Lana lança um olhar atento, repleto de articulações formais e políticas para demolições, escombros e restos de casas. Com o acelerado desenvolvimento urbano do Vale do Aço as casas dão lugar a prédios e edifícios residenciais que produzem novos modos de vida e de ocupação do espaço urbano. Na obra, Lana coloca essas elaboradas imagens das demolições junto a anúncios e panfletos de propaganda de novos empreendimentos imobiliários.

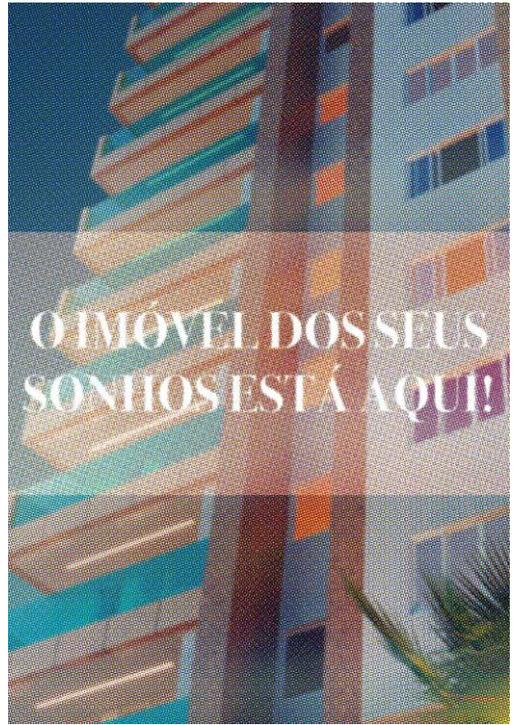
Os textos publicitários, com suas frases de efeito coletadas do imaginário neoliberal, mostram os espaços arquitetônicos como conquistas de um novo modo de vida, que parece não caber mais nas tradicionais casas da cidade. A obra de Lana assume a fisicalidade dos registros para acentuar o confronto entre esses modos de vida e de produção do espaço urbano. Enquanto os panfletos são impressões de baixa qualidade, repletos de retículas, as imagens das demolições nos mostram fotografias em rigorosas composições formais, com elaborados enquadramentos impressos em alta qualidade. Um jogo de forças entre as imagens, seus modos de produção e circulação e os contextos do poder.

CAUAN LANA

Decomposição, 2022

Fotografia
Impressão fine art e
digital sobre papel
30 x 40 cm (cada)







1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990





o elegancia e o estilo do topo



o primeiro passo
de MORABEN



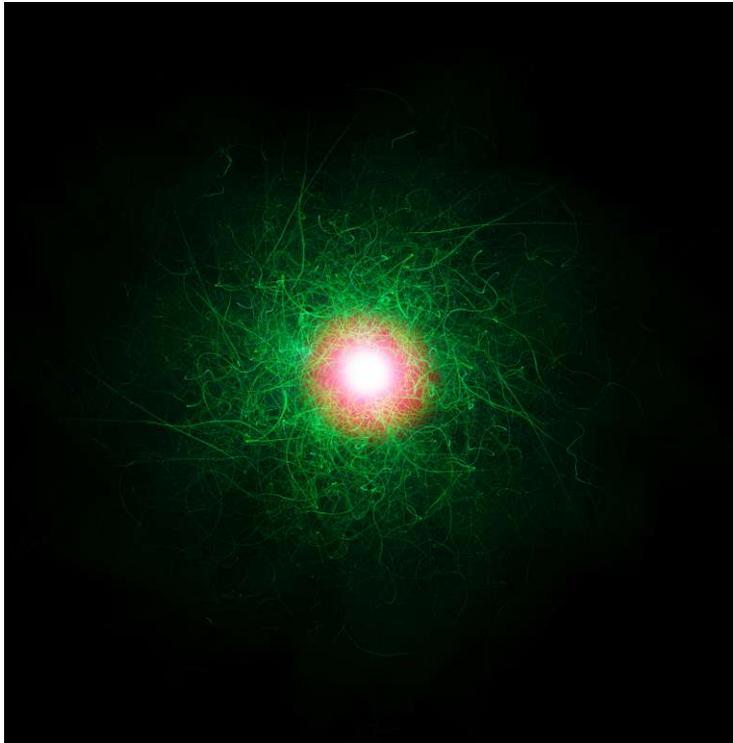
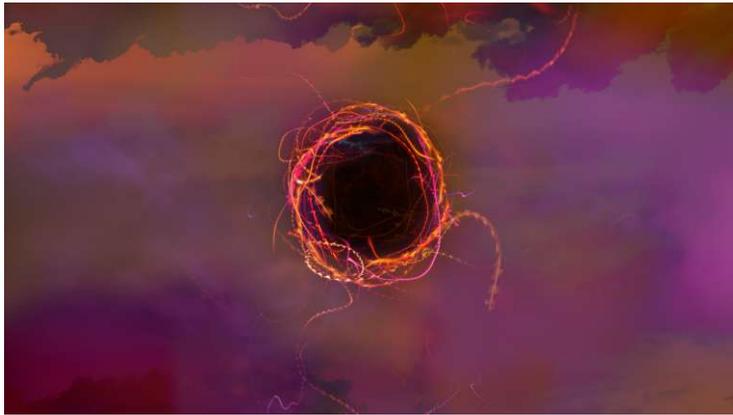
ENCANTAMENTO



RODRIGO ZEFERINO

Outro artista que também se detém nas questões da cidade, mas em um recorte bastante específico e singular, mas não menos importante, é Rodrigo Zeferino. Experiente e com trajetória consolidada, Zeferino apesar de mais conhecido pelo trabalho documental nos mostra outra vertente de sua produção. Na exposição vemos o resultado de um recorrente interesse do artista em torno da excessiva luminosidade emitida pela cidade que nos impede de ver os astros no céu e afeta intensamente o meio ambiente. Essa inquietação se formaliza na série “Performances entomológicas” (2021-2022) que reúne fotografia e vídeos. Confinado em casa com a pandemia, Zeferino passou a observar o insetos notívagos que apareciam em seu apartamento. Dessa observação nasce uma bem elaborada série de imagens que em suas supostas abstrações revelam seres noturnos em seus voos suicidas para a luz. Rodrigo registra os rastros criando estruturas singulares que mostram os voos circulares das mariposas, em sofisticadas e arrebatadoras composições visuais e cromáticas.

A beleza do invisível é colocada a mostra pela elaboração de articulações técnicas, formais e conceituais de construção das imagens. “Belas damas”, “Phalera bucephala” e “Bruxas” obras da série presentes na exposição nos fazem pensar sobre nossa percepção e como compreendemos, em um primeiro olhar e depois de forma mais detida, o que vemos. Zeferino constrói aproximações potentes entre domínios científicos criando imagens que colocam “insetos em performance” em registros elaborados poeticamente na força da imagem técnica. Algumas das imagens também são reunidas em vídeos, que em sua abstração parecem nos remeter a fenômenos intracelulares, em repertórios visuais próximos da biologia. De uma beleza incontornável, os vídeos, exibidos ao lado das fotografias em uma pequena tela reforçam as relações entre visível e invisível em uma trajetória que vai da captação das imagens as tramas do olhar.



Videos
Cygnus, 2021 / 2022
God's Eye – Helix – 2021 / 2022



Small red text, likely an artist's name or title, located below the framed artwork.







PHATERA BUCEPHALA, 2021 / 2022

Fotografia

Impressão fine art em papel de algodão - 140 x 75 cm

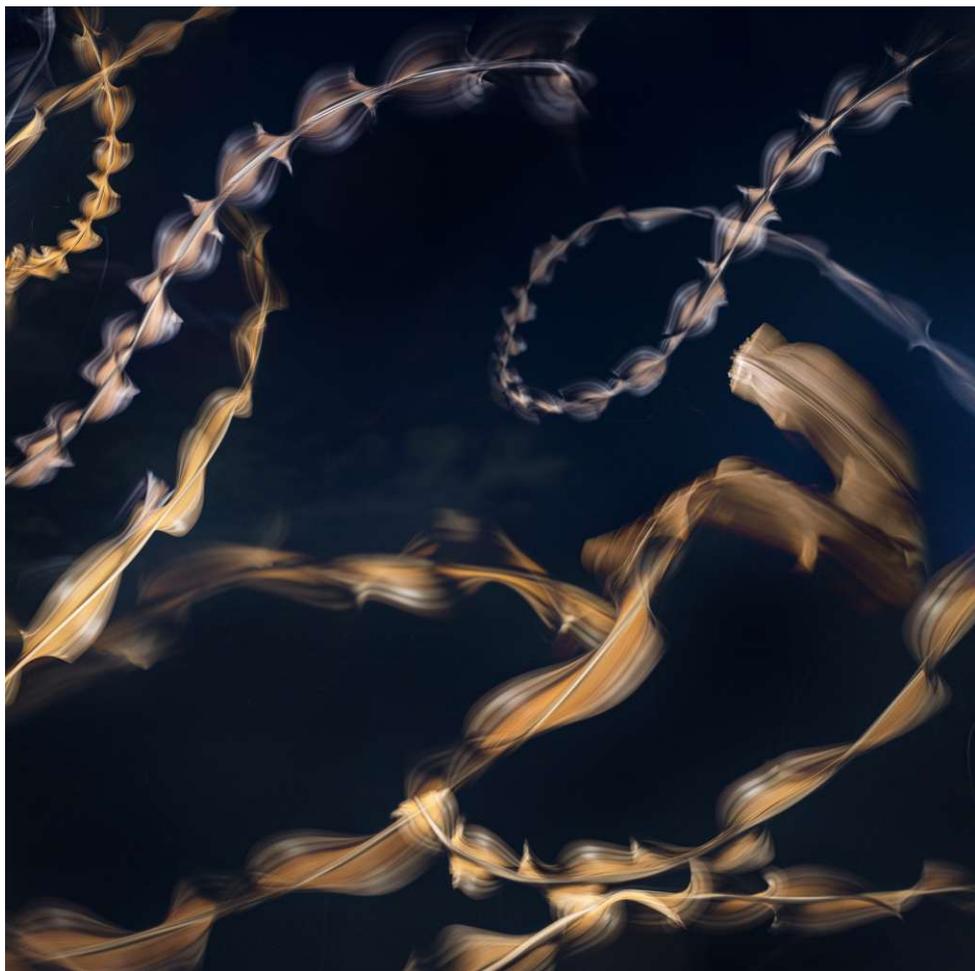


BELAS DAMAS, 2021 /2022

Fotografia

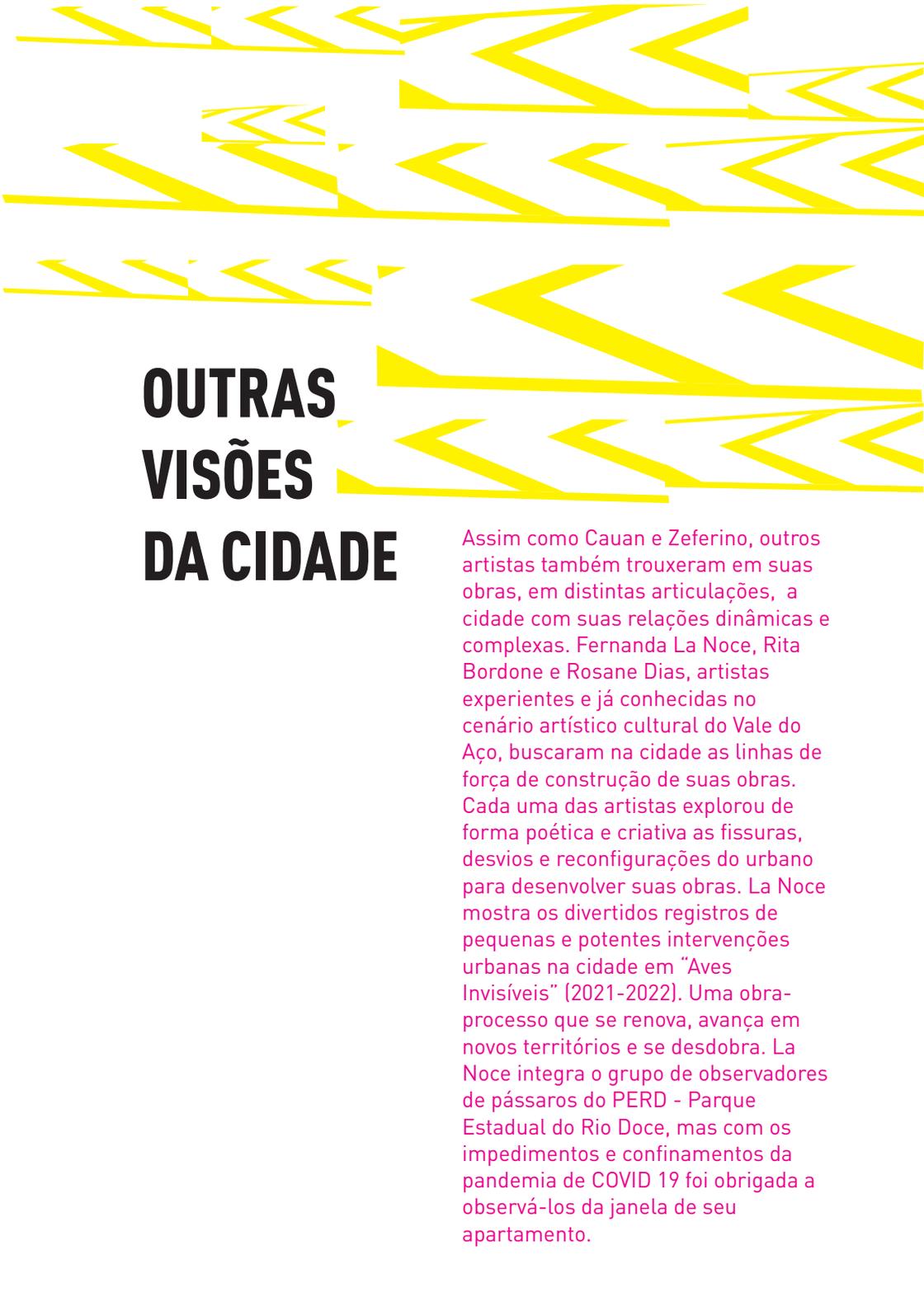
Impressão fine art em papel de algodão - 110 x 90 cm





*BRUXAS - DA SÉRIE PERFORMANCES
ENTOMOLÓGICAS, 2021 / 2022*

Fotografia
Impressões fine art em papel de algodão
110 x 110 cm



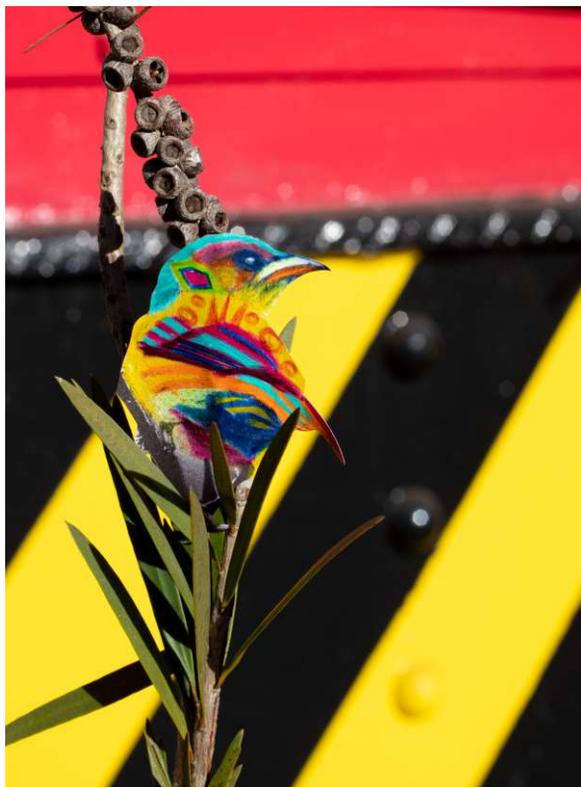
OUTRAS VISÕES DA CIDADE

Assim como Cauan e Zeferino, outros artistas também trouxeram em suas obras, em distintas articulações, a cidade com suas relações dinâmicas e complexas. Fernanda La Noce, Rita Bordone e Rosane Dias, artistas experientes e já conhecidas no cenário artístico cultural do Vale do Aço, buscaram na cidade as linhas de força de construção de suas obras. Cada uma das artistas explorou de forma poética e criativa as fissuras, desvios e reconfigurações do urbano para desenvolver suas obras. La Noce mostra os divertidos registros de pequenas e potentes intervenções urbanas na cidade em “Aves Invisíveis” (2021-2022). Uma obra-processo que se renova, avança em novos territórios e se desdobra. La Noce integra o grupo de observadores de pássaros do PERD - Parque Estadual do Rio Doce, mas com os impedimentos e confinamentos da pandemia de COVID 19 foi obrigada a observá-los da janela de seu apartamento.

FERNANDA

LA NOCE

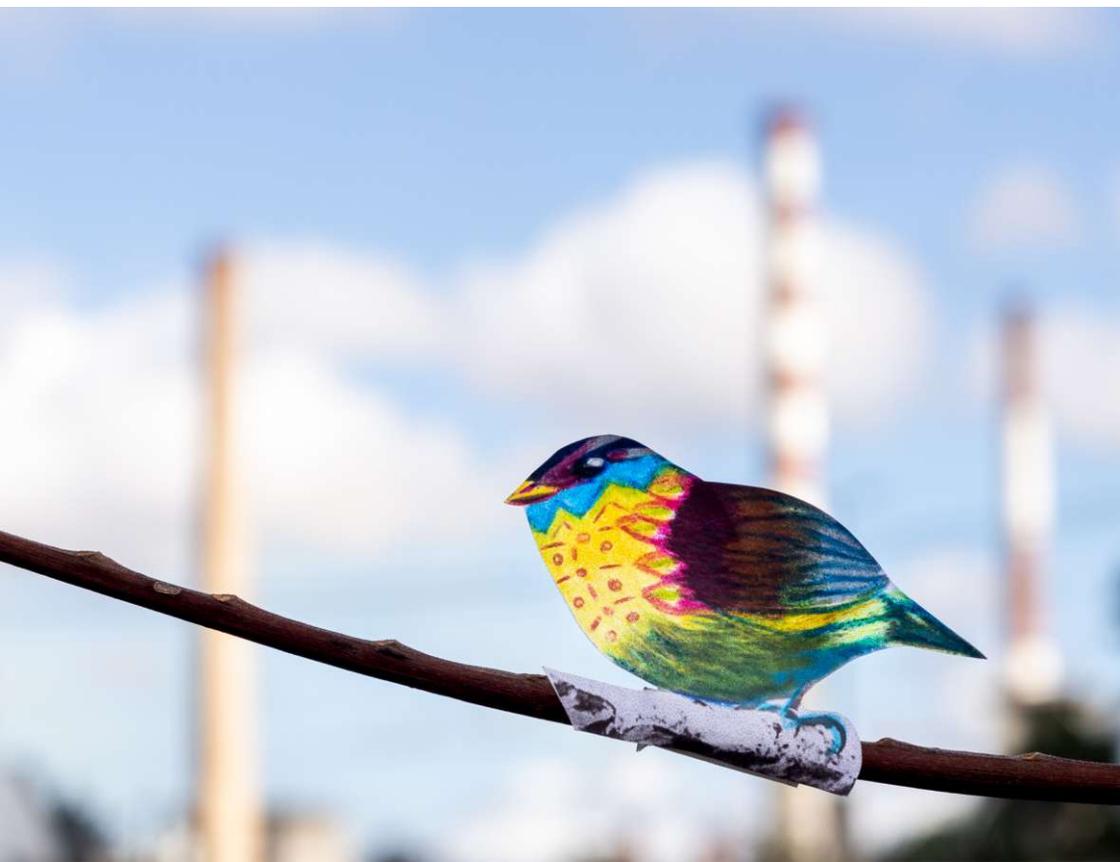
La Noce percebeu uma imensa quantidade de pássaros da região que habitam o espaço urbano. Logo desenvolveu alguns desenhos de pássaros, com grande atenção aos detalhes, que reproduzidos em fotocópias de papel ganharam precisas cores e texturas para em seguida serem inseridos na paisagem urbana de Ipatinga. Uma surpresa para o observador que distraidamente pode encontrá-los. Uma pequena interrupção na grande funcionalidade das experiências cotidianas no espaço urbano, como se La Noce nos mostrasse um pequeno intervalo no meio de todo o agito da cidade. No espaço expositivo além dos registros fotográficos dos pássaros da região agora inseridos na paisagem urbana, vemos um ou outro camuflar-se em algum pequeno refúgio, também surpreendendo os visitantes da exposição.



AVES INVISÍVEIS, 2021

Fotografia
Impressão digital sobre
papel fotográfico - 30 x 40 cm







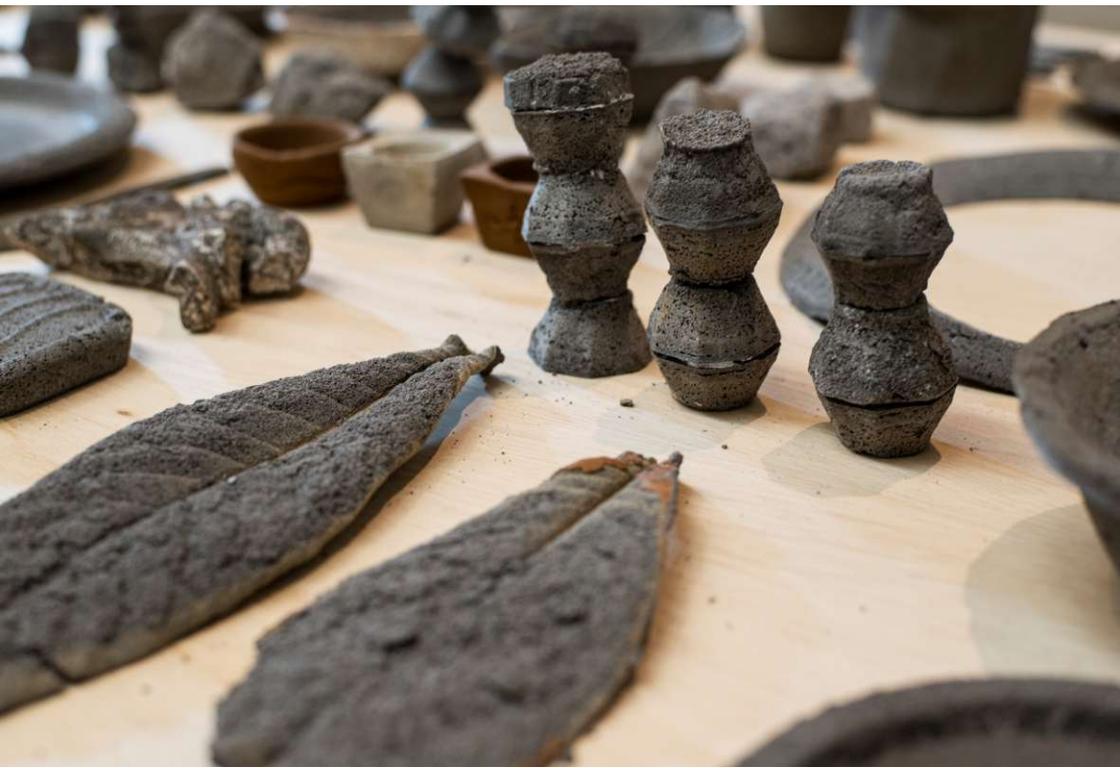


ROSANE DIAS

Já Rosane Dias reflete sobre a cidade buscando uma reflexão estética e histórica pouco comum, nos remetendo a períodos pré-históricos em uma fabulação radical. Nas instalações “Poética das Pedras” (2020-2022) e “Segredos do Subsolo” (2016-2022), Rosane sugere uma espécie de aproximação com os antigos gabinetes de curiosidades e laboratórios de arqueologia. O clima nos remete, entre outras referências, ao gabinete do professor Lidenbrock, de “Viagem ao centro da terra” de Jules Verne. O personagem do clássico da literatura reúne qualquer vestígio das civilizações do passado, como o velho pergaminho que ao ser decifrado (para o azar de seu jovem assistente Axel) o permite chegar ao centro da Terra. Rosane nos coloca em uma dinâmica parecida. A mesa que vemos em “Segredos do Subsolo” nos solicita gesto semelhante. Precisamos decifrar já que vemos objetos que em um primeiro olhar nos remetem a fósseis, vestígios de outras civilizações, preciosos vestígios arqueológicos.

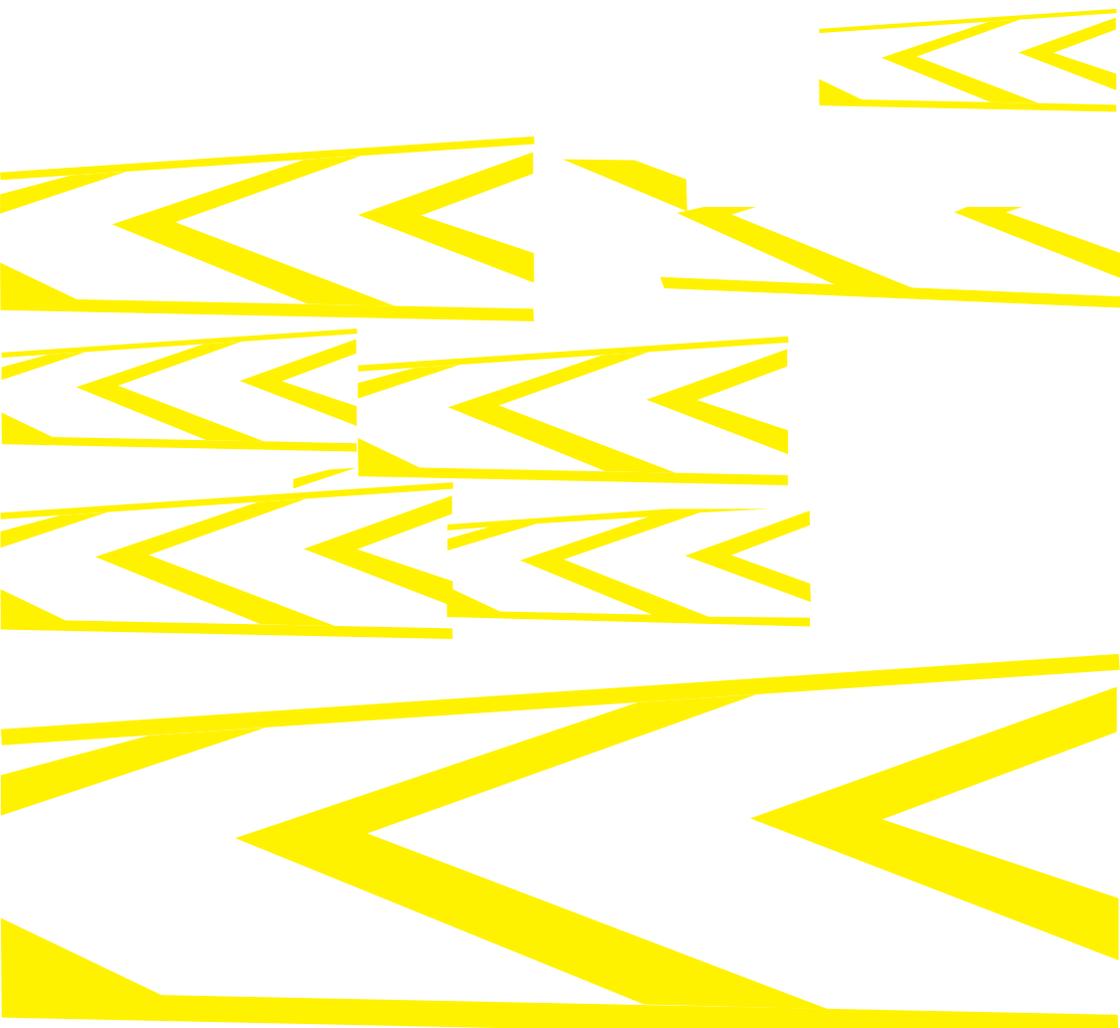
SEGREDOS DO SUBSOLO, 2020 | 2021

Instalação tamanhos variados
objetos em massa de agregado siderúrgico



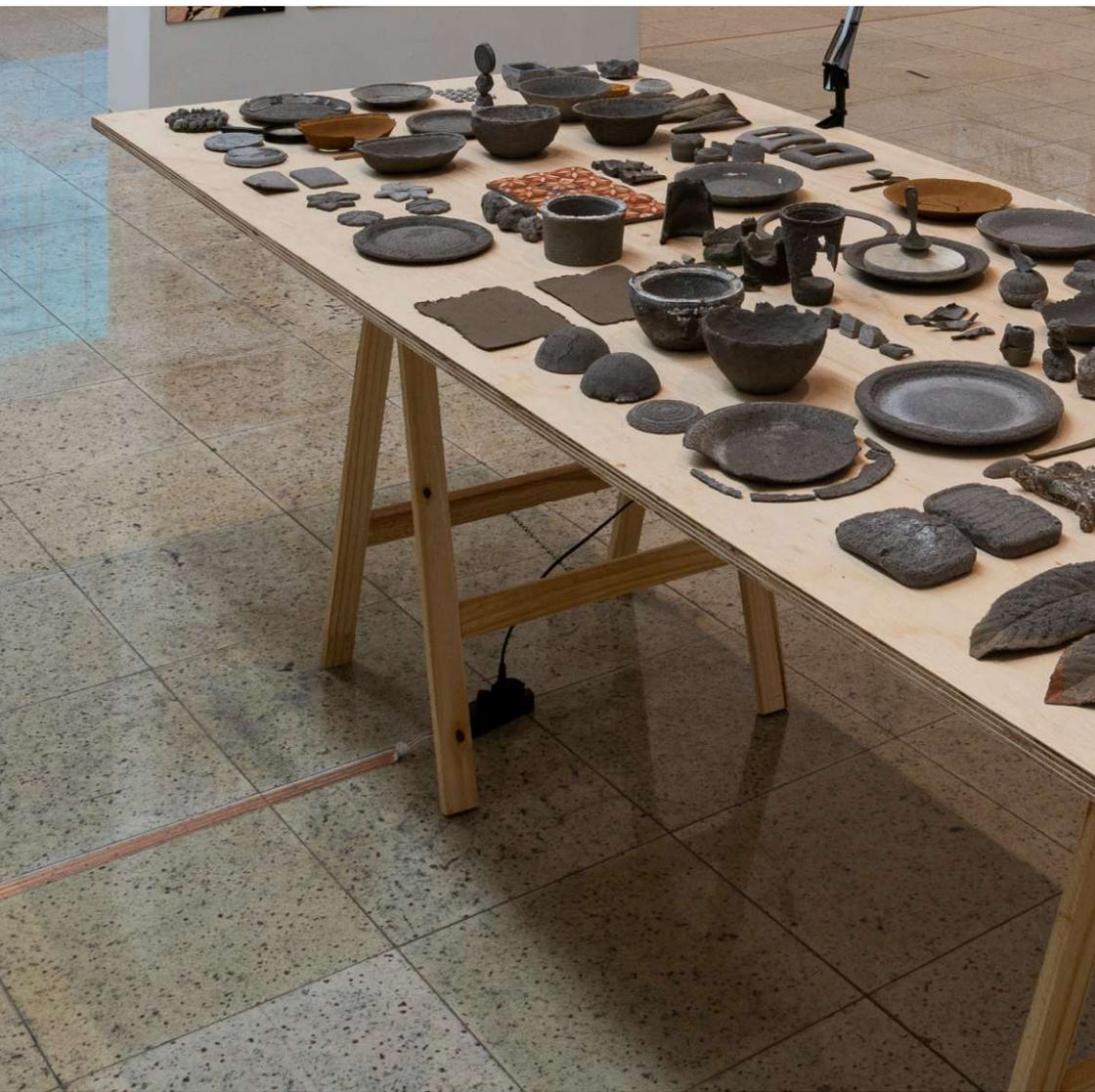


O modo serializado, organizado e quase categorizado no qual estão exibidas as peças, assim como as repetições, as peças rompidas e os cacos com fragmentos bem pequenos que, ainda assim, estão exibidos parece garantir a eles relevância e destaque. No entanto, ao nos determos mais nosso olhar nas peças, logo depois dessa primeira impressão, percebemos que são réplicas de ordinários pratos plásticos, pequenos potes descartáveis de produtos industrializados como iogurtes, entre outros, que são modelados. A instalação é composta por artefatos e fragmentos de objetos de agregado siderúrgico e rejeito da barragem modelados tomando objetos cotidianos de pouco valor. A obra é profícua em sua multiplicidade de sentidos que passam pelo modo como lidamos com o que descartamos, o que permanece no subsolo, o resíduo ressignificado e a invenção das memórias. O mesmo gesto organiza “Poética das Pedras” e mais uma vez vemos bancadas com as pedras organizadas de forma esmerada por tamanho, cores e formatos que elaboram um suntuoso conjunto de fragmentos delicados que nos lembram flores, corações ou borboletas. Delicada e divertida, a refinada poética das pedras de Rosane nos convoca a refletir sobre as potências das passagens entre natureza e cultura.



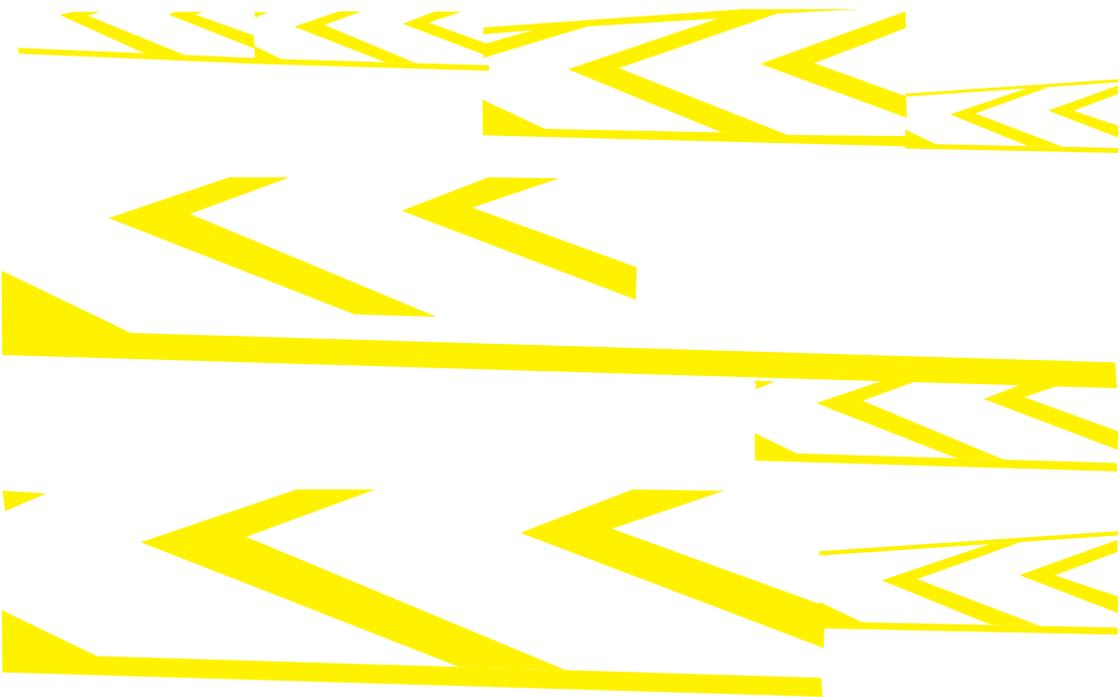










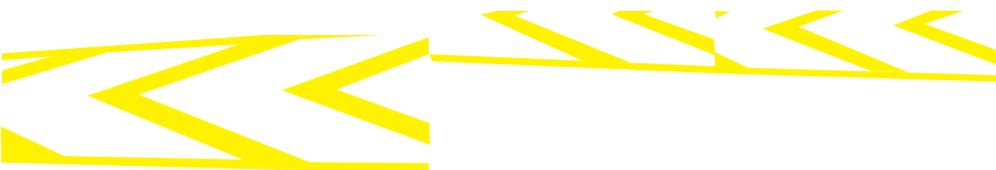


RITA BORDONE

Rita Bordone nos mostra um filme em torno de uma casa que deixa suas antigas estruturas de madeira para ganhar paredes de alvenaria. Em “Casa Revés” (2021), Bordone elabora um filme que a todo momento nos surpreende pela força das imagens, pela estrutura narrativa e pela mistura bem elaborada de imagem em movimento e fotografia. Primeiramente vemos planos curtos e quase violentos de trabalhadores que displicentemente derrubam uma casa. As paredes verdes, desgastadas pelo tempo, com inúmeras marcas são sumariamente derrubadas com golpes violentos que colocam tudo abaixo, de forma muito ruidosa. A artista intercala a esses movimentos imagens fixas, em enquadramentos formalmente rigorosos em elaboradas composições cromáticas que duram na tela. As imagens nos mostram detalhes e estruturas, mas também a casa inteira. Vemos seu destino e sua memória. Somos surpreendidos a todo tempo não apenas pelo jogo das imagens, mas sobretudo pelas temporalidades que atravessam o filme, nos deixando perplexos com o possível desfecho.

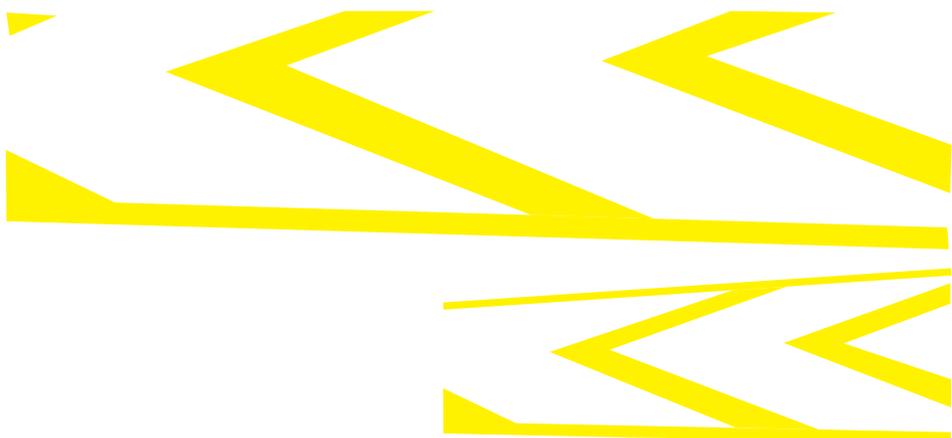


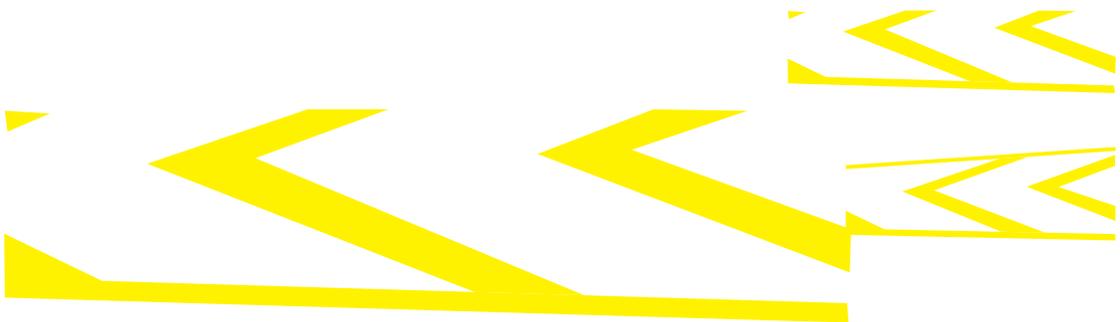
Uma criança segura um retrato em uma imagem surpreendentemente expressiva no contexto do filme, que em sua potência cromática amplia o clima memorialista. Vemos ainda a estrutura da casa, em rigorosas composições geométricas, que reforçam com a simetria de seu enquadramento volumes, luzes e sombras que caracterizam o espaço da casa. As imagens nos mostram ainda madeiras azuis ou verdes, em distintos tons, detalhes com tramas, calendários com santos católicos e um relógio estampado com flores, nos remetendo a memória daqueles que viviam na casa. As imagens nos colocam nesse espaço da memória para, logo em seguida, nos arremessarem de novo em sua demolição. Nos surpreendendo a todo momento, entre a delicadeza das memórias e a brutalidade da desconstrução. Vemos personagens como uma jovem senhora que surge em plano americano e depois mais próxima, em um sensível corte que nos permite ver seu rosto refletido no espelho. Seguimos vendo a estrutura da casa, a demolição, os personagens e mais uma vez somos surpreendidos com um outro forte ruído, vemos então um betoneira em seu movimento circular. Desta vez, não mais a demolição, mas a construção efetivando o revés que a artista parece nos sinalizar com o título da obra, que também é o nome da localidade onde está a casa, Revés do Belém, pequeno distrito do município de Bom Jesus do Galho, Minas Gerais. Hábil no manejo conceitual das imagens e da produção de significação na montagem, o filme explora não apenas a multiplicidade entre as imagens, mas sobretudo aciona um conjunto de duplos nas relações entre imagem em movimento e parada, cinema e fotografia, registro documental e experimentação formal, delicadeza e violência, passado e presente.











CASA REVÉS, 2021

Vídeo









DESLOCAMENTOS NO TEMPO



LETÍCIA VENTURA

The top half of the page is decorated with several large, bright yellow abstract shapes. These shapes are composed of sharp, angular lines and zig-zag patterns, creating a dynamic and modern aesthetic. They are layered and overlap, with some appearing as if they are floating or attached to the background.

As relações entre passado e presente são também articuladas nas ilustrações da série “Posso não ser o que você espera” (2022) de Letícia Ventura. Como o próprio título sugere, Ventura desenvolve outras formas de representação dos homens negros com a criação de retratos que revelam nuances que raramente vemos em imagens desses sujeitos. Normalmente relacionados a extrema virilidade, força e brutalidade, os homens negros normalmente são representados em estereótipos fortemente arraigados sobretudo nas imagens que circulam no ambiente midiático. Respeitosas e sofisticadas em seus enquadramentos em primeiro plano, as ilustrações de Ventura com suas cores vivas explicitam uma beleza singular da negritude masculina, distante das desgastadas imagens publicitárias ou das mais violentas que vemos no noticiário, mas ao mesmo tempo revelam certa fragilidade e melancolia.

O Jovem negro com a pele coberta de manchas brancas, como as do Vitiligo, nos encara segurando um sorvete com o corpo coberto de confeitos e decorações. Singelo na pose mas cheio de indagação com seu olhar direto, o jovem parece ativo, bonito e bem posicionado na imagem em um fundo luminoso e de cor intensa. Já na segunda imagem vemos outro jovem negro, de pele retinta e com uma toca rendada branca assim como os brincos e o colares de pérolas que reluzem. Em seu olhar meio cabisbaixo, o jovem com seu belo rosto, parece pensativo e distante. Talvez frágil. Imagens que em suas situações fronteiriças podem deslocar os estereótipos em torno das representações do homem negro abrindo espaço para outras figurações e modos de ser.

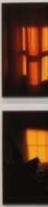


POSSO NÃO SER O QUE VOCÊ ESPERA, 2022



Imagem digital

Impressões fine art em papel de algodão - 100 x 80 cm (cada)





BERENICE CAMPELO



Deslocamento talvez seja também uma palavra chave para caracterizar tantos os procedimentos de execução quanto as obras propriamente ditas que Berenice Campelo nos mostra na exposição. Partindo do bordado, uma técnica muito tradicional, que encontra ecos expressivos na produção artística contemporânea com José Leonilson, Ghada Amer ou Feliciano Centurión, entre outros, Campelo apresenta “Bordados livres em tecido preto”. Uma sequência de bordados em formato grande que exercem quase um fascínio lisérgico ao visitante que se detém nas muitas idas e vindas das linhas, texturas e conjuntos de pontos que habitam intensamente e de forma radical toda área do tecido. Em uma profusão de cores distintas ricamente desordenadas emergem formas abstratas que surgem e desaparecem nos lembrando miragens ou sonhos. Nosso olhar percorre a superfície e se confunde: talvez seja uma árvore, uma montanha ou alguma palavra.

Observar as obras é o mesmo que colocar-se a deriva em um desconcertante universo de belas formas que trazem prazer ao nosso olhar, ao deslizar pela superfície com tantas voltas e recortes em busca de nomear as formas que vemos. As obras oscilam contemporaneamente entre passado e presente, entre a força das elaborações abstratas e a tradição do bordado, entre a fugacidade do tempo e a laboriosa execução dos bordados, sempre exigindo tempo, calma e delicadeza. Em sua quietude, quase sempre íntima, o gesto de bordar, de fazer a agulha por inúmeras vezes atravessar a superfície do tecido, muitas vezes acaba acionando processos terapêuticos de autoconhecimento que podem conduzir a caminhos subjetivos.







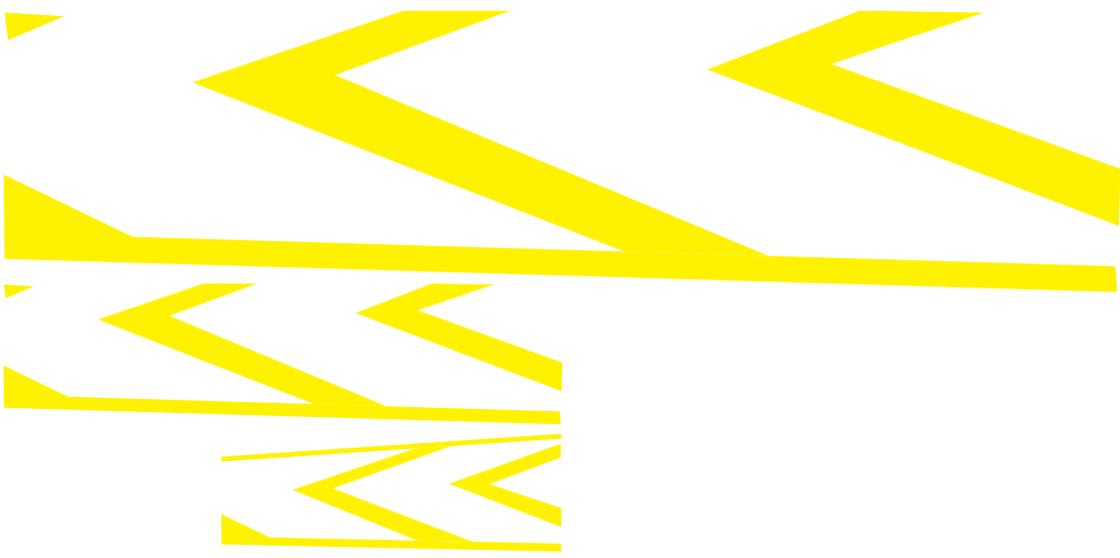






Bordado Livre em Tecido Preto I, II, III - 2019/2020

Tecido plano na cor preta, linhas de diversas cores,
espessuras e qualidade.
80 x 140cm - 80 x 150 cm - 90 x 150 cm



O conjunto de obras presentes na exposição em sua diversidade de técnicas e procedimentos nos traz um portentoso conjunto de relações de sentido como as reflexões em torno da imagem e de sua natureza, as questões de gênero revelando os universos das mulheres e homens negros, a força do retrato seja mais ligado a tradição ou sem suas novas modulações, a cidade e seus tensionamentos entre o poder e a vida cotidiana, as aproximações entre visível e invisível, os lugares do corpo e as forças da memória. Ao observar a exposição seguindo as derivas de sentido e significação que as obras nos trazem, vemos não apenas a força da produção artística desenvolvida no Vale do Aço. Mais do que isso, vemos um enfrentamento criativo e sensível dos muitos desafios de um mundo cada vez mais complexo que nos permite elaborar outros olhares e posturas mais críticos e libertários, tanto da vida quanto da arte.

CURADOR
EDUARDO DE JESUS

PALE

22 DE SET

STRA

19H

Galeria Hideo Kobayashi

Centro Cultural Usiminas
Av. Pedro Linhares Gomes, 3900



INSTITUTO USIMINAS

DIRETORA EXECUTIVA

Penélope Portugal

COORDENADOR DE PROJETOS

Sheilla Mara Pianco Pinto

ANALISTA DE PROJETOS

Luana Martins Vieira

Nuria Perez Bertachini

COORDENADOR DA AÇÃO EDUCATIVA

João Paulo Andrade

ASSISTENTE DA AÇÃO EDUCATIVA

Mariana Moreira Faria Antunes Ribeiro

MONITORES

Ana Clara Nogueira Ramos

Daniela Martins Penedo Murta

Eulália Sales Vieira

Liala Coelho dos Santos

Marllon Reis Almeida

PRODUÇÃO

Jaine Campos Batista

Taisy Cristiny Santos Paiva Silva

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Gabrielle Clere de Souza Lima

Sheyla Patricia Martins da Silva

PRODUTORA EXECUTIVA

Mariana Rocha Menezes Bernardes

Patrícia Limeres Pires

EQUIPE TÉCNICA

Érico Batista Lima

Felipe Marques Damasceno

Marciney Martins de Oliveira

Otaviano Assis Mendes

Walace Oliveira Dias

ANALISTA DE COMUNICAÇÃO

Jessica Mayara Ramos Rodrigues

Larissa Caroline Domingues

Polliane Silva Torres Stokler

FINANCEIRO

Alessandro Carvalho Mazzoco

Stéfany Crislayne Atzori de Souza

BILHETERIA

Wefissilania Kassia Soares

PROGRAMAÇÃO

Luciana Sudária Proffiro

MANUTENÇÃO

Elder Miranda de Castro

AUXILIAR DE MANUTENÇÃO

Alicio Ferreira de Oliveira

RECURSOS HUMANOS

Riceli Zanotti Barros

JOVEM APRENDIZ

Camila de Melo Martins

Guilherme Alberto Coelho

LIMPEZA

Estácio Antunes Bino

Ivanete do Carmo Alves

Luciana Ferreira dos Santos

Maria Aparecida Andrade

Martene Herculano da Silva

Analista Desenvolvimento Social

Tatiane Nogueira Maia

Exposição ARTES VISUAIS NO VALE DO AÇO

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Eduardo de Jesus

Guilherme Machado

João Paulo Andrade

Márcia Renó

CURADORIA

Eduardo de Jesus

PRODUÇÃO

ELETRA serviços culturais LTDA

IDENTIDADE VISUAL

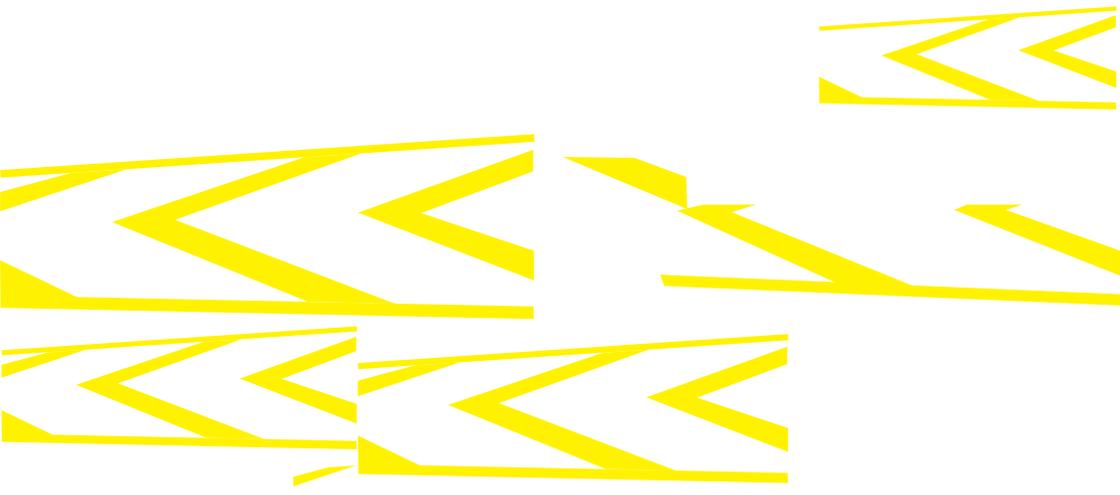
Guilherme Machado

Márcia Renó

MONTAGEM

Ronaldo Braz

Edivaldo Gomes



Projeto executado por meio da
Lei Estadual de Incentivo à Cultura.
CA 2018.13606.0236



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL

